

# POSTAES

Xico Braz

# DA

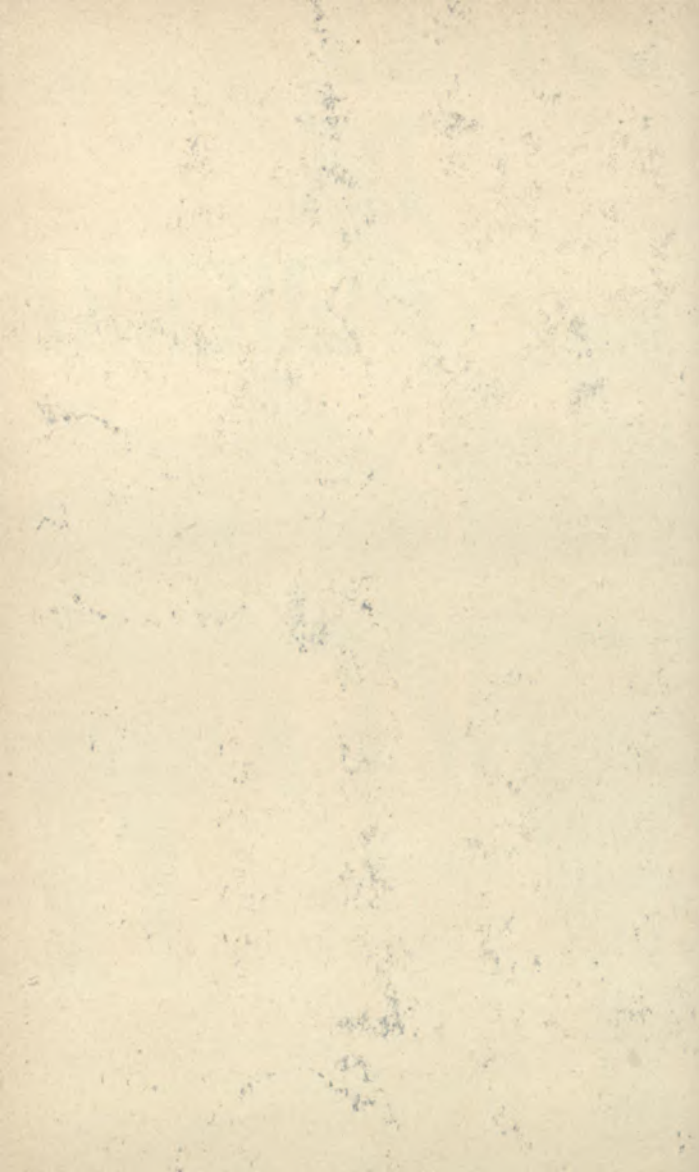
# GUERRA



Impressões  
d'um soldado  
em campanha

BIBLIOTHECA DO POVO  
Henrique Torres — Editor

279 — Rua de S. Bento, 279 — LISBOA



H. J. 9833

9

---

*Postaes da Guerra*

---

—————  
Histórias da Guerra  
—————

833

DEP. A

**XICO BRAZ**

---

# POSTAES DA GUERRA...

Impressões d'um soldado  
em campanha



63254

BIBLIOTHECA DO POVO  
**Henrique Torres — Editor**

279 — Rua de S. Bento, 279 — LISBOA



# PREFACIO

---

Para que o leitor não se indisponha comigo, e não me mate — o que era natural, visto estar-mos em tempo de guerra — eu aviso-o. desde já, de que não tive culpa no crime praticado. Escrevi os postaes, como qualquer creada escreve epistolas <sup>(1)</sup> ao barbeiro da esquina — numa prosa muito confidencial... Alguem que as recebeu, é que se lembrou de as publicar. E eu disse que sim, contanto que não me tirassem a vida, visto só ter uma — e essa mesmo estar actualmente muito em cheque...

Portanto, se o leitor se sentir aborrecido com essas ligeiras impressões que se séguem, escritas algumas em horas criticas, já sabe que não é comigo que se deve zangar.

E, tenho dito.

*Xico Braç*

---

(1) Não carregar no ó, porque pode disparar...

# PREFACIO

Esta obra o libro no se indispone  
alguno, a no ser tanto a que en su  
lugar, sino en el mismo tiempo de su  
trabajo, en todo el mundo, de que no  
se haya no como tratado. Este es  
lo que como cualquier obra escrita  
debe ser (o) en el mundo de espaldas — in-  
teresa, mucho confidencial. Alguien  
que se trabaja, a que se leccion de la  
publica. En consecuencia, sin contar  
que no se insensibiliza, visto en la  
obra — a esa misma, a la actualidad  
mucho en el que

El libro se o leer se sentir aborrecido  
con esas ligeras impresiones que se  
en las escritas algunas en otras criticas, la  
sabe que no es conigo que se debe cambiar  
El libro que

1890  
El libro que se o leer se sentir aborrecido  
con esas ligeras impresiones que se  
en las escritas algunas en otras criticas, la  
sabe que no es conigo que se debe cambiar  
El libro que



## A caminho

Parto...

E os partos são bicudos como um pau de dois bicos ou um chapéu de três, segundo a opinião do belo sexo.

Mas adeante... Demais a mais não admira que eu seja atraído para o teatro da guerra, pois que, desde pequeno, fui sempre seduzido pelas atracções do teatro, como uma agulha pelo íman, ou melhor: como o sexo barbudo pelos olhos duma mulher. A comprová-lo, estão aí vários crimes que alguns actores praticaram por imposição minha.

Ora pois!

O diabo, sem ser um diabo de carne e ôsso, é que toda a gente chora á minha

volta. As cebolas, ás vezes, teem caprichos singulares... O proprio gato e mais o canário choram como duas Madalenas. Eu estou indeciso se hei-de chorar com elles, quando mais não seja: por solidariedade... Mas não! Ponho-me sério só para os arreliar. Já hoje recebi 4:000 cartas: do barbeiro, do mercieiro, etc., etc., individuos, emfim, com quem deixo de fazer negocio, e que choram a minha partida. Pudera?!...

E não lhes digo mais, por agora...

E' que eu:

Não gosto nem brincando  
dizer adeus a ninguem

.....

.....

## II

### Em Lisboa

Chamo-lhe postaes da guerra, porque são dirigidos do *front*.

E mais nada!

Ora este primeiro, tem tanto de guerra como eu de milionario... E' que este ainda, fugindo ao compromisso, é debitado da Lisbia amada, sem ser a revista, a cidade dos capilés, das zaragatas, e dos fadistas. Desde que sahi do Porto até agora, outra coisa não tem havido senão tiros e bombas. E o publico alfacinha, o respeitavel cá destes lados está tão habituado a isso tudo, que não se incomoda muito. E senão é ver a sencerimonia com que elle assiste a todo o estrondear das bombas e das descargas! Ele mes-

mo não quer saber. A unica coisa que o aflige é saber se os tiros são da Mauser, ou da Kropatchek, ou se as bombas são esféricas ou oblongas, E é que está tão acostumado já a estas peripecias de grande espectáculo, com orquestra a grande instrumental, que dá consolo ouvi-lo discutir ácerca da origem dos tiros e da qualidade das bombas. Ha, por exemplo, estrondo numa rua, e logo mestre lisboeta apura o ouvido e diz muito satisfeito por mostrar conhecimentos :

— São tiros de 7 milímetros e meio...  
Agora foi uma descarga Browning...  
Olha!... Agora foi um tiro de Manelik...  
E assim por diante...

E' o que vale tambem, porque a respeito de teatros não tem havido nada. Continúa tudo fechado. As pobres empresas e mais ainda os pobres artistas, vêem-se constantemente prejudicados com tal estado de coisas. Agora, por exemplo, já não ha teatro ha oito dias. Peor ainda do que em França, onde a guerra se faz sentir com todos os seus excessos de tragedia, mas onde ainda o teatro não faltou, desde as revistas do Palais Royal ás bregeirices da Réjane no teatro do mesmo nome.

Por essa forma mesmo, não levem a

mal em eu dirigir o primeiro postal cá da Lisboa. Mas é que isto, meus amigos, também parece uma guerra em ponto pequeno...

Sendo assim, portanto, bate certo.

### III

## De Salamanca

Encontro-me em Salamanca a dois passos da Plaza-Maior, o *rendez-vous* das elegancias. Aí se junta, á noite, o que ha de mais chique por estes arredores, a discutir sobre touros, sobre a *neutralidad*, sobre os passeios de Sua Magestade Católica e sobre *muchas cosas mas*, que afinal são péssimas... Hoje acordei ao barulho ensurdecedor das *campanas*... Que Salamanca, afinal, é a terra das catedrais. Pelas ruas não se vê passar outra coisa senão padres, todos *armados e equipados*... Mas, como diz o outro, ninguem tem nada com isso.

Acêrca de luz, anda-se quasi ás apalpadelas. Pelo visto, cá e lá más fadas ha.

Apezar de *la neutralidad* encher os cofres de *nuestros hermanos*, nem por isso êles vivem mais desafogados do que nós. Eles teem ainda o inconveniente de morrerem, qualquer dia, de alguma indigestão... de dinheiro.

Mas adeante !

Agora, da janella, proxima donde ali-nhavo estas coisas, vejo passar grupos de irmãzinhas. . . E ao vê-las, como recordo com saudade as nossas lindas mulheres portuguezas !

Lindas e ternas !

Sem os arrebiques nem os espalhafatos das espanholas, com mais compostura e galhardia, ellas dedicam-se a coisas mais nobres e mais belas. Como é enternecedor lembrarmo-nos que a mulher portugueza, hoje em dia, está comnosco neste grande sacrificio da guerra. E como é bello ! Umas indo para a Cruz Vermelha, outras offerecendo-se para madrinhas de guerra. Oh ! A mulher portugueza é bem a descendente de Filipa de Vilhena e de Santa Izabel, cheias de sentimentos e pureza, umas, cheias de fidalguia e de audacia, outras. E' por isso que nós, portuguezes, devemos ajoelhar, deante da mulher da nossa terra, e beijar-lhe a mão.

---

#### IV

### De Medina a S. Sebastian

A viagem de Medina del Campo á formosa praia de S. Sebastian é longa e, portanto, massadôra, se bem que a paisagem seja linda, tal qual a que nós temos na linha de Vila Rial a Chaves. São 10 horas de comboio galgadas pelo expresso. O que vale, ás vezes, é a amabilidade e franquesa com que *nuestros hermanos* nos perguntam donde somos, para onde vamos, quantos homens temos no *front* etc., etc. E alguns deles entreteem-se ainda a contar historietas. Ahi vae uma que eu ouvi durante o trajecto.

.....  
"Um dia chegou um artista dramatico a terras de Espanha. Nessa mesma occa-



sião, ia-se levantar a primeira pedra para um monumento em memoria de certa personagem hespanhola. Ora esse actor foi procurado por uma comissão, afim de assistir a tal acto solemne, e o abrilhantar com algum recitativo. O artista acedeu e prontificou-se até, como poeta que era, a escrever um soneto apropriado ao acto.

Mas o diabo é que o illustre artista, no dia seguinte, sentiu-se encomodado, e não podia comparecer. Chamou o filho, que era estudante de direito, e, depois de lhe contar a historia dos figos, arranjou com que elle o fosse substituir na festa :

Mas, respondeu-lhe o filho, eu não tenho casaca para assistir a tal solemnidade.

— Não tens ?

— Não senhor. Guardei-a em Madrid...

— Em Madrid ?

— Sim. Muito guardada... numa casa de prégo.

— Nunca tens juizo. Mas, felizmente não é preciso casaca. Vestes o fraque.

— Tambem não o tenho...

— O quê ?

— Tive um compromisso com uns amigos, e empenhei-o.

— Pois tu tens a audacia de confessar que o fraque está fazendo companhia á casaca.

— Nada disso... O fraque está empenhado numa casa, e a casaca está noutra...

— Nesse caso levas a minha...

— Mas a sua é muito larga.

— Seja como fôr. E' preciso que vás.

E o filho teve de se humilhar ao illustre autor dos seus dias. Mas como era mais delgado que um poste electrico, e a casaca maior do que uma camisa do Chaby Pinheiro, foi ter com o pae e exclamou :

— Eu desta forma, não posso assistir.

— Não quero saber de miserias. Não fosses ao cincoenta...

— Pois desta forma afianço-lhe que a festa não se realiza'...

— Porquê ?

— Porque sim. A primeira pedra nunca poderá ser colocada, porque será a primeira pedra com que me atiram...

.....  
E assim se passa, o tempo em viagem...

---

## V

### De Biarritz

Estou em Biarritz. E' a coisa mais palpitante que lhes posso contar pois da grandiosidade da praia todos, decerto, tem conhecimento — é uma scena cheia de emoção que nos impressionou bastante. Foi quando um grupo de camaradas meus, que seguem tambem para o *front*, começou de cantar o Fado. Eu lhes conto ;

Estavamos na praia á hora do banho. A concorrência era enorme Uma parte fazia avenida e outra estava sentada, aos grupos, pela areia fóra. Nós sentamo-nos tambem. A nosso lado havia um grupo de francesas. E nós então, para passarmos o tempo, começamos a cantar o fado. E' sempre o que temos feito pelo caminho,

desde que daí saímos. E não ha nenhum companheiro mais lial e mais amigo do que o fado. Ele aviventa-nos a saudade, fazendo-nos recordar o que já lá vai...

Ora quando se cantava o fado, uma francesa principiou de chorar. As lagrimas corriam-lhe pelas faces. E numa attitude de saudosa, como a recordar-se de qualquer coisa, ela continuava a chorar.

Mas nós, ainda assim, cantavamos...

«Nossa Senhora faz meia  
Com linha feita de luz...»

E ela, então, não podendo resistir mais, pede para não cantarmos. E' que, diz-nos ela, tem dois irmãos no *front*.

E nós calamo-nos, porque elas nos pediu e mesmo porque ficamos impressionados.

Foi a primeira vez, na minha vida, que vi chorar uma mulher por causa do fado. E' uma variante psicológica que passou despercebida ao Camilo. O saudoso mestre, na sua obra monumental, pinta-nos todas as almas femininas que vão desde a Maria Nazaré á Mariana do «Amor de Perdição». Todas elas choram : ou de amor ou de desespêro. Mas não ha uma só que chore ao ouvir o fado !...

---

## VI

### De Paris

Apesar de tudo quanto se diz, a cidade da luz continua cheia de alegria e de movimento. Esta França, sempre em luta pelos mais belos ideais, é um país extraordinariamente grande, quer pela sua abnegação quer pelo seu patriotismo. Agora mesmo ninguém dirá, ao chegar aqui, que se desenrola a dois passos a grande guerra. A gente chega a esquecer-se de que o perigo está perto. Mas do que ninguém se esquece é da patria. Na presente data é o idolo mais querido dos franceses. E' o unico amor que existe.

E' por essa razão que em Paris tudo continua na mesma, a não ser depois das 10 horas da noite em que tudo fecha e

toda a luz se apaga — simplesmente por causa dos zepelins. Mesmo até a essa hora, os candieiros estão acesos, mas tem uma especie de *abât-jour*, para que nenhuma claridade se possa vêr lá do alto.

Afóra isso, a vida, durante o dia, não se modificou. Pelas diversas arterias o transito é enorme. Os trens as bicicletas, os camions, e muitas outras viaturas formam, ao passar, um cortejo que nunca mais acaba. E' preciso ter cuidado ao atravessar as ruas. O proprio metropolitano, que gira pelos subterraneos de Paris, anda sempre cheio. De todas as vezes que viajei, fui obrigado a seguir a pé.

Enfim, Paris continua a ser a cidade alegre e buliçosa doutros tempos, com os seus cafés concorridos, e todos os theatros e cinemas abertos. A propria grande roda tem funcionado.

Hoje fui aos Invalidos. A concorrência era enorme. Lá vi varios tipos de peças alemãs, alguns zepelins e muito outro material que as feras humanas tem deixado aos franceses.

Nos Invalidos está o tumulto de Napoleão. Ele desejara, diz uma legenda, ficar sepultado nas margens do Sena.

Lá está. A França admira-o, e com razão. Ela é o país das grandes coisas, dos

grandes sacrificios, dos grandes homens e das grandes ideias.

A grande guerra é bem a escola do character. Nesta colossal tragédia que tantos sacrificios custou já, têm-se depurado os sentimentos e avivado as energias. Tanto os homens como as mulheres teem dado provas de abnegação, de patriotismo e de amor. Aqueles sacrificando a vida por uma causa santa e nobre; estas rodeando de carinhos e de cuidados todos os que se sacrificam pela Pátria. Uns e outros, enfim, dão as mãos para que o despotismo e a crueldade desapareçam, duma vez para sempre.

Hoje, no jardim Cadet, vi duas carripanas com feridos, ambas conduzidas por enfermeiras. O seu traje é simples e lindo. A brancura das batas assemelha-se á pureza das suas almas. Por sobre as costas trazem uma especie de capote militar. Elas veem passear até aos jardins com os seus feridos.

Uma das carretas parou na minha frente. A enfermeira sentou-se a conversar ao lado do ferido, com a meiguice duma mãe. Ahi estiveram meia hora. Depols, quando iam para se retirar, aproximaram-se duas senhoras que lhe ofereceram um *bouquet* de flôres e uma caixa de chocolate. Ele agra-

deceu, sorrindo. Em seguida abriu a caixa e repartiu com a enfermeira. E as flôres, essas, ofereceu-as, com toda a gentileza dum francez, á sua companheira.

E na verdade, só com flôres se póde agradecer o sacrificio e o carinho duma mulher.

Beinditas sejam elas !...



## VII

### Os zepelins

Paris, á noite, deixa de ser a cidade da luz. A maior parte dos candieiros e dos f́ocos electricos é apagada por causa dos zepelins. E a outra é coberta por uns *abat-jours* de zinco, afim de que nenhuma luz se descortine lá do alto. No entanto, com essa reduçãõ de luz, Paris está, ainda assim, muito mais iluminada do que a nossa Lisbõa.

Os parisienses não teem medo dos zepelins, porque são corajosos, e porque confiam nas esquadrilhas de aviões. A noite é um espectáculo soberbo vêr deslizar pelo céu, as luses dos aeroplanos. Parecem aerolithos. Quando eles param lá no alto, a gente chega a confundil-os com as estrelas.

Um destes dias houve alarme. Uma das estações vigilantes, não sei se a Torre Eiffel, avisou da chegada d'alguns zepelins, que tentavam investir contra Paris. E logo tudo acordou. As sirénes dos automoveis conduzindo bombas para evitar qualquer incendio, e os toques de clarins pedindo prudencia e para que as luzes sejam todas as apagadas — despertam toda a gente. E não é preciso esperar muito tempo para que tudo se apague e para que os aviões redobrem de actividade, correndo em todas as direcções. E' um espectáculo cheio de beleza e de anciedade. O céu, depois, fica todo iluminado, tanto pelos fócios dos aviões, como pelos projectores electricos. E dura, tôda essa vigilancia, toda essa anciedade, até que os toques de corneta começam de avisar que os zepelins foram corridos.

E a verdade é que, até hoje, eles não puderam voar sobre a maravilhosa capital franceza, apesar dos jornaes alemães insinuarem, por vezes, que Paris já fôra bombardeado.

Essen é que já foi destruida, em parte, pelos aeroplanos dos nossos aliados. Por isso é que elles pretendem vingar-se, ameaçando Paris.

---

## VIII

### Alma Portuguesa

Em todos os acampamentos portuguezes palpita o amor pela Patria. O soldado portuguez tem tanto de audacia como de sentimentalismo. Ou se arroja valentemente contra o inimigo, levantando bem alto a patria de Camões, ou se deseja envolver por esse sentimento tão lindo e tão puro que só existe na nossa terra e que se chama a Saudade. Ele, cá distante, só pensa em duas coisas : no ente querido que ahí deixou e na patria portuguesa, pela qual ele está sempre prompto a sacrificar-se.

E assim, sempre que lhe é possível, mesmo nas trincheiras ou fóra delas, o nosso soldado agarra-se á guitarra e começa de

cantar o fado. E com que enlêvo, então, franceses e ingleses o escutam. E' que o fado é o interprete do povo portuguez. Ninguém, como êle, sabe traduzir.

E' por isso que nós o ouvimos, de vez em quando :

«Se por acaso eu morrer  
«não chores porque morri...  
«Não morro só pela Patria.  
«morro por ela e por ti »

Mas nem sempre se canta. Se momentos ha em que êle vibra de sentimento envolvendo-se na meiguice do fado — outros ha em que êle sente arrancos de audacia ! Ora é apaixonado como Bernardim Ribeiro, ora é audacioso como Nuno Alvares Pereira.

De maneira que não é para admirar se disser que a valorosa raça portuguesa, tão assinalada em Aljubarrota e Ourique — hade mostrar novamente o seu heroismo e o seu valor.

E' por isso mesmo que eu agora, ao escrever estas linhas debaixo das tendas de campanha, ouço uma voz maguada :

«Se por acaso eu morrer  
«não chores porque morri...  
«Não morro só pela Patria.  
«morro por ela e por ti.»

---

IX

*Os que regressam...*

A' L. de M.

Ao fim de cinco mezes de permanencia nas trincheiras, são concedidos quinze dias de licença

*(Dum decreto ultimo).*

Lá vão em breve... Que tristeza eu tenho de os não acompanhar p'ra a minha terra. E nesta ancia em que o meu coração erra. Só com grandes esforços o contenho.

Parece qu'rer fugir para abraçar-te e para te falar no nosso amôr. Mas não o deixo, digo-t'ó com dôr, — e nessa luta quasi que se parte.

Não vae ! Ele ha-de andar sempre comigo. p'ra me falar de ti, como um amigo, enquanto eu persistir aqui na guerra.

Todavia, ao lembrar-me dos que vão, tenho tristeza — e tem-n'a o coração ! — de os não acompanhar p'ra a minha terra.

---

## Feminismo

A guerra vai-nos trazendo, a pouco e pouco, muitos ensinamentos. Com ela se vão depurando as ideias e os costumes. E, assim, não é de extranhar que nós tenhamos de assistir, após as hostilidades, a uma modificação enorme em todas as coisas.

Na presente ocasião, por exemplo, já nós assistimos a um forte movimento feminino. A mulher vai-se adaptando a tudo com a maior das facilidades, deixando de ser um objecto de luxo para ser um elemento do trabalho. Ontem contava-se mais com o homem. Hoje não. A mulher, na presente data, é alguém. E senão, é vêr a c ilidade com que ela se emprega em to-

dos os mistéres que eram vedados aos homens, revelando conhecimentos, e perícia e condições e trabalho.

A guerra, vem trazer a liberdade dos povos a independencia da mulher. De ora ávante, ella será livre. Não precisará, como até aqui, de viver acorrentada ao homem, sujeitando-se a todos os seus caprichos.

Mas ninguem calcula como tudo isto está transformado. A mulher vê-se em toda a parte. Nos cafés, servindo os *poilus* e os concorrentes estrangeiros; nos theatros vendendo bilhetes; nos hospitaes curando os feridos; nos caminhos de ferro fazendo a fiscalisação ou carregando com as bagagens; nas casas bancarias informando do cambio sôbre Lisboa; ou pelas ruas de Paris, guiando automoveis, trens, electricos, etc.

E nós, ao vê-la, temos de nos curvar perante a sua abnegação. E' que a mulher franceza adaptou-se a tudo com a mesma boa vontade e sacrificio, com que os seus esposos, os seus noivos e os seus filhos lutam na frente da batalha.

Todos — homens e mulheres — pensam na patria. Todos se sacrificam por ella.

E' por isso que a França ha-de vencer!

---

## XI

### Alfredo Musset

Hoje não lhes falo de guerra, porque não posso. Encontro-me desde ha dois dias num hospital inglêz ; e, portanto, não sei o que se passa lá ao longe. Mas vou falar-lhe duma peça de Alfredo Musset, que me veio parar ás mãos, aqui no hospital — e que eu li dum fôlego, para melhor passar o tempo.

A peça chama-se **Lorenzaccio** e divide-se em 5 actos. E' encantadôra e subtil. Tôdo o diálogo é primorôso. Há, em tôdo êle, aragens de ternura e vendavais de revolta. E' uma peça, enfim, com quasi todos os requisitos. E eu digo *quasi*, porque lhe falta o principal : *carpintaria*. De resto, a peça de Musset tem psicologia, subtileza, graça e vivacidade.



E porque lhe falta a técnica teatral, que Alfredo Musset nunca conheceu, a peça nunca foi — nem será representada. E' toda assim, a obra dramatica do grande poeta. Ele, que tinha tanta predilecção pelo teatro, ainda se juntou a George Sand a vêr se alguma coisa fazia de colaboração. Mas nada. Mesmo George Sand a respeito de técnica teatral, sabia tanto como êle. E se não é vêr o que se diz ácerca do *Marquês de Willemer*, que tanto trabalho deu ao Dumas!...

Mas adiante.

Ora o *Lorenzaccio*, como a *Noite Veneziana* é teatro irrepresentavel. O *Lorenzaccio*, que acabei de lêr, tem 5 actos ; mas cada scena tem locais diferentes. E' uma especie de revista com muitos quadros. Por exemplo, a 1.<sup>a</sup> scena do primeiro acto passa-se num jardim, a 2.<sup>a</sup> passa-se numa rua, a 3.<sup>a</sup> num palacio, a 4.<sup>a</sup> nas margens do Arno, etc., etc.

E' pena que assim seja, porque a obra tem valor. É a prova disso está nos desejos que teve um dia a Sarah Bernhardt de a fazer representar. Ela viu, no papel de *Lorenzaccio*, tão excelente *travesti*, que chegou a pedir a Armand d'Artois, para lhe fazer um arranjo da peça. E' que o *Lorenzaccio* é uma especie de Hamlet revo-

lucionario. Causa tristeza e causa arripios. E' por isso mesmo que todos os criticos classificam o drama de Musset, como o mais shakspeariano de todos os dramas franceses.

Eu, porém, é que não concordo que se apelide de obra teatral, aquela que não visa a ser representada. O teatro é a escola da vida, di-lo alguém que me não lembra. Mas porquê? Porque transporta para os tablados tudo quanto na realidade se passa. E' preciso vêr erguer-se diante de nós, aquilo que o dramaturgo idealizou. Vêr sentir as personagens, vivificadas pelo esforço e pelo talento dos artistas. Assim, sim. Do contrario, a obra teatral passará a ter o valôr do livro e, portanto, a mesma influência. Ora do livro ao teatro vai uma distancia enorme. Este arrasta e subjuga. Faz-se compreender e sentir melhor.

E o livro, não. E' preciso estudal-o e fantasiar, o que será tudo aquilo que nêle se diz. As personagens vivem á custa da nossa fantasia. Nós é que temos de as supôr e de lhes adivinhar os sentimentos — ao passo que no teatro vêmos as próprias personagens, tal qual elas são.

...Eu, pelomenos, penso assim!

---

## XII

### A nossa gente

Nunca o nosso nome se levantou tão alto, como agora. Mais eficaz do que todas as propagandas dessas repartições de turismo que por ahi existem — é a passagem dos portuguezes pelas diversas terras do Norte da França. Mas não é encarando o portuguez — nem tal era para admirar ! — como um soldado valente e destemido que vai tomar parte na defesa da liberdade, e ajudar a libertar a França. Nada disso. Porque tambem se vêem a cada passo tropas belgas ; e então, em quantidade enorme, as tropas inglesas. E todas, como se sabe, desempenham o mesmo papel que as nossas.

No entanto, os franceses admiram e es-

timam os nossos soldados. Por todas as terras por onde passam as tropas portuguezas fica um rastro de saudade. Não sei se é pela saudade já ser portugueza, e andar comnosco — a verdade, porém, é que toda esta gente do Norte da França nos estima. Eu julgo — pois todos os outros estão empenhados na mesma causa—que é pela semelhança de costumes, sentimentos e caracteres. E' que elles tambem são sentimentaes como nós. A cada passo se ouvem canções repassadas de nostalgia, e que se assemelham, por vezes, ao fado. Elles não teem guitarra, mas teem o *banjó*, que é quasi igual. Depois, há o mesmo ceu azul, os mesmos prados, quasi a mesma vegetação. E esta gente da beira-mar, tanto pela sua audacia como pela sua abnegação, faz-me lembrar os nossos poveiros.

A outra razão dos portuguezes lhes terem caído no agrado, é a linha com que sempre se teem sabido manter.

Ainda hontem ao realisar-se um concurso hipico a favor dos feridos da guerra — houve um entusiasmo doido pelos nossos.

Mas não admira. Ao concurso concorreram belgas, ingleses e portuguezes. Os primeiros apresentaram excellentes cavalos,

Pois quem ganhou os seis premios do concurso, foram os nossos !...

Os ingleses tão despeitados ficaram, que desistiram da segunda prova.

Foi uma corrida cheia de entusiasmo !

Mas o que mais impressionou ainda, no acto da corrida, foi o interesse que as francesas mostravam pelos nossos cavaleiros, e a alegria que manifestavam quando êles faziam o percurso sem faltas.

E assim se vai levantando o nome da nossa terra !

### XIII

## O Cardoso

Uma das noticias tristes que vieram ter comigo ao *front*, num destes dias chuvosos e aborrecidos, foi a que relatava ter morrido o Cardoso do Ginasio.

Pobre artista !

Lá se foi para sempre, envolvido nas garras negras do destino, aquele que fez rir umas poucas de gerações. A morte deve ter ido a rir-se, ao leval-o consigo. E' que a graça dele, era tão fresca e tão viva, tão subtil e tão moça, que, mesmo depois dele morto, ainda havia de fazer rir a negra Parca. E' talvez por essa razão — quem sabe ! — que ella nos arrebatava estupidamente aqueles que nos fazem vibrar de gargalhadas.

E' p'ra se rir tambem ! . . .

O outro dia levou-nos o Taborda e o Vale, e já hoje nos leva o Cardoso.

E eu então, aqui, distante da Patria, neste cantinho do norte da França, parece que o vejo ainda arregalar os olhos vivos e bo-galhudos, ou a voltar as costas, rebolan-do-se e espreitando o publico de soslaio, a ver se ele se riu da ultima piada . . .

E nunca se enganava ! Com toda a sua arte, a que ele se entregava com a religio-sidade d'um crente, o Cardoso fazia rir até rebentar as ilhargas. E' que ele era um ar-tista completo. Apesar da sua mediana ilus-tração, ele era, dos artistas cómicos — o mais natural e o mais consciencioso. Não apalhaçava, não metia um dito da sua la-vra, nem deturpava o sentido da frase, para conseguir a piada. Ele representava com arte e probidade. Mais nada.

E, no entanto, ninguem como o Cardo-so sabia preparar a frase. Envolvia-a de tanta subtileza, que a gente ao falar da sua arte, pode parafrasear o Eça de Queiroz e dizer : *o Cardoso punha sempre, sobre a nudez forte da piada, o manto diafano do seu talento . . .*

Com que primôr, por exemplo — e os leitores lembram-se — ele dizia o seu pa-

pel, na comedia de Chagas Roquette : **O Senhor Roubado !**

E depois Antonio Cardoso tinha ainda uma vantagem, sobre todos os outros seus colegas : estudava os papeis, mal lhos confiavam. Ele pertenceu ainda á escola dos artistas antigos que, quando iam para os ensaios, já tinham o papel na ponta da lingua. Hoje não se encontra disso. Qualquer artista, quer seja de nomeada ou palhaço de feira, não se preocupa com o papel — senão no dia da *premiere*.

Ora o Cardoso deixava-se de veleidades, e estudava. Ainda me recordo da satisfação com que o Carvalho Barbosa me falou um dia, quando dos ensaios do **Tenorio Junior :**

— O unico artista que appareceu no primeiro ensaio, com papel todo sabido, foi o Cardoso.

Por isso mesmo, ele foi um excelente artista no genero comico, que é o genero mais difficil que nós temos.

Oxalá que muitos artistas nossos, tanto celebridades como nulidades, fizessem como ele — e estudassem os papeis.

Mas lá se foi o bom do Cardoso, que toda a vida nos fez rir. São assim os artistas comicos. Só fazem chorar uma vez : é quando morrem.



## XIV

### Os aboletamentos

Eram 9 horas da noite quando chegamos á aldeia X. Estava tudo apagado, como succede com todas as outras aldeias e cidades — a fim de se poupar a luz, e evitar quaesquer ataques dos Zepelins. A' es- tação acorre muita gente, não só por nossa causa, mas porque é de uso ir vêr quem chega no comboio, e comprar os jornaes afim de saberem o que ha acerca de paz...

Uma vez apresentados ao comandante militar portuguez, foi chamado o *maire*, afim de nos distribuir quartos. Ele é que tem a relação dos alojamentos que cada habitante pode dispôr, afim de nos dividir pelas diversas casas.

— Bem, diz ele. Ficam trez, ali, em casa de M.<sup>me</sup> Z.

— Mas faltam dois, ainda !

— Esses podem ir para aquela casa que fica ao pé da farmacia, alvitra o homem que nos acompanha ao *Maire*. Ali ainda não estão nenhuns...

— Não pode ser ! é a casa de Mademoiselle X...

E nós, então, percebemos que as raparigas solteiras não eram obrigadas a cedêr aboletamentos.

Mas tudo se arranjou, em breve. Nós fômos distribuidos pelas diversas casas da terra, aonde nos trataram admiravelmente, ao mesmo tempo que nos enchiam de perguntas.

No dia seguinte arranjam-se, algumas *messes* <sup>(1)</sup>. Dividimo-nos em grupos e fomos falar com diversas pessoas afim de nos alugarem a mêza, o fogão, talheres, etc. Eu fui nomeado director duma *mess*. Os que pertenciam ao meu grupo, davam um tanto por dia — e eu, mais dois militares, lá iamos fazer as compras e pensar no *menu*...

Tudo aquilo, afinal, era interessante. E a verdade é que nós estávamos bem instalados.

---

(1) Os inglezes chamam *mess* aos logares destinados á distribuição do rancho.

Com as rações que nos distribuíam, com o que compravamos, e com um belo cozinheiro que nos forneceu o comandante, nós comíamos como se estivessemos no melhor hotel.

Mas a acrescentar a tudo isso, havia a afabilidade com que toda essa gente nos tratava. E' que todos tinham pessoas de familia no *front* — e lembravam-se, ao tratar-nos com todo o carinho, de que o pae, o irmão, o filho ou o marido estavam nas mesmas condições, em qualquer aldeia distante...

---

## XV

### Dia de Finados

Dia tão triste ! Dia de finados !...  
A alma se enluta ouvindo alem o sino  
chorar desde manhã. Pregão divino  
que vem lembrar tristezas e cuidados ..

E ao ouvir-lhe o planger tão cristalino,  
choram com êle os épicos soldados...  
Lembram-se dos seus mortos sempre amados  
que dormem... - num paiz tão pequenino.

Mas choram quasi a mêdo. Vão limpando  
as lágrimas, e dizem : «São capazes  
de nos chamar de covardões um bando...»

Mas não !. . Eu tambem choro. E vós, rapazes,  
chorae ! choraes por êles !. . Que chorando  
nem por isso deixaes de ser audazes !

## XVI

### Portugueses e ingleses

A cada passo se encontram *serranos* e *ourmies* em amena cavaqueira. A's vezes zangam-se porque, não se compreendendo facilmente — começam, uns e outros, de desconfiar. Mas são zangas de pouca dura, porque depressa desfazem o equivoco.

O mais interessante, porém, é que passam horas e horas a dizer a mesma coisa pouco mais ou menos. Conta-se, por exemplo, que certa noite, numa trincheira, se encontraram um portuguez e um inglez — os quais, durante toda a noite não passaram d'isto :

— *Boche, no bóne!* Camarada *ingliche*, *trés bone... compri!* E o inglez muito atenciosamente, respondia :

— *Yes!*

O nosso soldado, muito satisfeito por se ter feito compreender pelo camarada inglês, continuava :

— *Mademoiselle portugaise très bone... compri?... Mademoiselle ingueliche très bone... Mademoiselle boche nó bone... compri?*

— *Oh Yes!* responde o inglês. Depois param. Um oferece o tabaco, outro dá o lume — e começam a fumar.

Dai a bocado, puxando duas fumaças, volta o nosso soldado :

— *Mademoiselle...*

Mas o inglês, aborrecido já quasi não presta atenção... E o português continua :

— *Compri, Mademoiselle!*

— *Yes!*

— *Mademoiselle ingueliche très bone Mademoiselle hespanhol... compri hespanhol?...*

— *Yes!*

— *Mademoiselle hespanhol, très, très bone! Tinha-me esquecido falar nela... compri? tinha-me esquecido!...*

— *No compri!*

— *Tinha-me esquecido!...* berra o nosso soldado, ao mesmo tempo que bate na testa, e faz a mimica necessaria para o

inglez perceber o que ele quer dizer.

Outras vezes, pelo contrario, pegam-se de questões por causa das francezas. Os soldados inglezes — e mesmo os officiaes !

— teem tal ciume pelas francezas, que dizem mal dos portuguezes em toda a parte onde apparecem. A's vezes chegam a dar-se zaragatas. No entanto, o portuguez tem a preferencia, porque se adapta mais facilmente á lingua franceza.

E' certo que nem sempre...

Ha dias ouvi eu o seguinte dialogo entre dois soldados portuguezes :

-- Já arranjei uma franceza...

— !!!

— E' o que te digo. E' a *mademoiselle*, do "Estanimet"...

— Pois sim !... Ela não te *liga* nenhuma...

— Tu julgas que é mentira ? pois até te digo mais : ela disse-me que estava apaixonada por mim...

— Estás a brincar. Então dize lá como é que ela te respondeu em francez. E' só para eu vêr se falas verdade !...

— Disse-me... *Pas encore !*

— Então acredito !

— E' para veres !...

— Só eu, responde tristemente o outro soldado, é que não arranjo nada !...

## XVII

### Os feridos

De vez em quando — não muitas vezes — vemos passar comboios de feridos. São uns verdadeiros hospitaes. Os aliados aproveitaram as melhores carruagens, que, antes da guerra, faziam serviço nos grandes expressos, e transformaram-nas em authenticas enfermarias, onde nada falta, desde os comodos leitos á mais completa sala de cirurgia.

As carruagens, por dentro, são todas pintadas de branco. Por fora teem a côr vermelho-escuro, e são marcadas, todas elas, com a cruz vermelha.

E enquanto esses comboios seguem lentamente, levando os feridos aos diversos hospitaes — ha, dentro um movimento



enorme de carinho e de dedicação. Ou são as enfermeiras pensando os feridos, ou são os medicos observando os doentes, ou são os cosinheiros servindo rapidamente. — emfim, tudo trabalha em prol da mesma causa.

Quando cheguei á estação X... ainda se via uma enorme fila de *camions* transportando feridos. Os *camions* são dispostos de forma que cada um transporta quatro feridos, instalados carinhosamente em quatro beliches.

Esses feridos tinham sido já pensados nas ambulancias das primeiras linhas. Daí é que seguem para os comboios.

Pois quando eu cheguei á tal estação, assisti ainda a todo esse movimento.

Fora das carruagens, passeando vêem-se grupos de militares. Num grupo de officiaes inglezes, conversando animadamente, vi eu um official alemão com um braço ao peito. E ha ainda quem julgue que os feridos alemães não são tratados com o mesmo carinho e a mesma bõa vontade.

E' um engano !

E o que succede com os officiaes succede tambem com os soldados. Uns e outros são pensados e tratados pelas enfermeiras, como se fossem inglezes.

Pouca gente o acreditará.

Eu mesmo, se não o visse, talvez duvidasse.

Mas é verdade! Para eles, ha a mesma afabilidade, o mesmo carinho, a mesma dedicação.

E' que são feridos! E os aliados sabem-nos respeitar, ao contrario dos alemães — que não teem dó nem piedade para quem quer que seja.

E' que só do outro lado do Rheno, existe a *Kultur*!

## XVIII

### O Moto-contínuo...

A guerra veio activar as energias.

Em todas as terras do norte da França, por onde tenho passado, ha um movimento extraordinario. De minuto a minuto passam comboios enormes, arrancados, ás vezes, por duas locomotivas. São viveres, tropas, munições — o diabo ! — que se deslocam dum lado para o outro. Aqui e ali, quasi por todas as estradas que divisamos, seguem interminaveis filas de *camions*.

E' uma coisa extraordinaria !

Tudo trabalha, tudo gira !

Em nenhuma aldeola existe aquela tranquillidade, tão caracteristica antes da guerra. Agora tudo se agita, tudo se mexe. A

aldeia de menor importancia tem tanto movimento, actualmente, como tinha qualquer cidade, antes de começarem as hostilidades.

Agora tudo se agita. A gente chega a pascar de tanto e tanto movimento.

Hoje, por exemplo, cheguei . . . Pois ninguem calcula o movimento assombroso que existe nesse porto. Navios que entram e saem, de momento a momento.

E nós, ao vêmos tôdo esse bulicio, que antes da guerra nunca se vira, temos de nos pôr de cócoras diante do esforço assombroso dos aliados — sobretudo da Inglaterra.

Eu pasmo !

E ninguem, por muito germanofilo que ainda seja, pôde negar que a victória pertence aos aliados. Ninguem !

Eu juro-o, e toda a gente que não fôr cega — o deve jurar, porque é uma coisa que entra pelos olhos dentro. Basta reparar, um só momento em todo esse tráfico, para se certificar de que não falta nada : nem homens, nem munições, nem viveres.

Não falta absolutamente nada !

A tôdo o momento, e de tôda a parte, chegam navios e navios com o que nos é preciso — ou melhor, para reforçar os

grandes depósitos, afim de que nunca falte nada.

E ha ainda muito ingenuo que acredita na eficacia dos submarinos !

Se esses visionarios — enfim, todos os os maldizentes e incrédulos que existem em todos os paizes viessem até aqui, ou vissem num *écran* a reprodução cinematográfica dêste movimento fantástico, gritariam bem alto, e desde já :

— Venceram os aliados ! . . .

## XIX

### O Duque de Cadaval

«Ha dias, n'uma terra qualquer — não lhe digo o nome, porque não posso — terra linda e importante como praia de banhos, encontrei o duque de Cadaval. Typo forte, de olhos azues e penetrantes, o duque de Cadaval é agradável, gentil e familiar.

Encontramo-nos n'um hotel.

O soldado do comboio-automovel, faz-nos a continencia com o maximo respeito e senta-se á mesa. Alguem do lado, após uma ligeira observação nossa, diz-nos a identidade do soldado e falla-nos do seu patriotismo e da sua coragem. Do seu patriotismo, porque envergou a farda do soldado, abandonando assim as com-

modidades e conforto da sua casa, pelo rigor da disciplina e pelos horrores da guerra, da sua coragem porque já fez proezas quando, batendo-se pela mesma causa dos aliados, fez parte do valoroso exercito do general Cadorna.

D'ahi a tempos, quasi ao fim do jantar, entram dois officiaes ; um portuguez e um canadiano, ambos elles conhecidos do duque de Cadaval. O primeiro faz-nos a apresentação dos outros dois. Entramos de conversa. O duque falla o portuguez com um certo accento hespanhol. E' que, diz ele com saudade, ha muito já que não vejo o meu querido Portugal.

Depois, ao fallar-se do seu gesto cheio de fidalguia e patriotismo, e no qual — segundo elle dá a sua palavra de honra de fidalgo — não ha o menor intuito politico, o duque começa de lamentar-se por não vêr o resto da fidalguia portugueza seguido o seu exemplo.

— Custa-me immenso, diz elle. Nunca imaginei que tal fizessem.

D'ahi a pouco, alguém lembra-se de mandar vir Champagne.

Vai fazer-se um brinde. Cada um de nós ergue a sua taça. E o duque de Cadaval avança orgulhosamente, estende o olhar cheio de nostalgia e tristeza, e exclama

n'uma voz firme mas deveras commovida:  
— A' felicidade da nossa terra; á victoria do nosso querido Portugal.

Todos nós, mais ou menos commovidos, tocamos as taças.

E duque, mais enthusiasmado então, ergue ao céu a sua taça, e diz mais alto ainda :

— A' nossa linda e querida patria !”



## XX

### O esforço inglês

Nós estamos acampados, juntamente com os ingleses. E' uma extensão enorme de terreno, ocupada por milhares e milhares de barracas, todas elas em fórma de funil — e onde os soldados e officiais dormem. A barraca, constituída por um pano impermeavel. fórma uma pequena casa, onde o soldado se aloja commodamente de madeira. Os hospitaes, casas de jantar, cosinhas, secretarias. etc. por aqui nada falta! — são armados e desarmados com a maior facilidade. Mas, nem por isso, deixam de ser tão confortaveis como os melhores hospitaes ou melhores cosinhas, que por ahi vêmos.

Só visto!

Ninguém calcula o método, a disciplina, a higiene e a comodidade que presidem a tudo isto. O acampamento é dividido em ruas e estradas. E todas elas têm nomes.

E' a Infantry road, a Cinema road, a Dépôt Base Street, etc., etc. Aqui e ali vêem-se lindos jardins, tão bem cuidados como os nossos melhores jardins públicos.

Emfim, não falta nada. Há cinematografo, capelas, casas de banho, salas de dança, gabinetes de leitura e cantinas. E' uma cidade quasi, pelo menos em relação ás comodidades. Porque a respeito de habitantes temos falado...

A higiene, então, é uma das coisas que mais cuidados merece aos ingleses. Há sentinas bem organisadas, e fornos especiais para fazer a cremação dos seus despojos. Para se avaliar do rigôr aqui existente ácerca de higiene, basta dizer que todo o soldado que deite quaesquer papéis fóra, sem ser nos logares a isso destinados, será rigorosamente punido.

A gente é obrigada a admirar toda esta engrenagem—tão bem movimentada ela é.

Não falta nada. A propria disciplina é mantida de tal fórma, que o soldado inglez, mesmo a sós quando em sentinela,

faz todos os movimentos com a maior precisão. As marchas são admiráveis. Os soldados inglezes revelam uma excelente boa vontade, boas qualidades de adaptação e muitos conhecimentos de tática moderna.

Enfim, em vendo o grande esforço da Inglaterra, ninguém diz que o seu exercito se organisou há pouco tempo.

Mas é que a famosa Albion, além de ser o pais da liberdade, é tambem o pais das grandes inergias, das grandes vontades — e sobretudo, duma enorme educação.

Eis tudo !

---

## Postais ilustrados

Um dos negocios que mais se desenvolveram com a guerra, foi o dos bilhetes postais ilustrados.

Em todas as aldeias, mesmo as que ficaram destruidas, há pequenas lojas improvisadas só para exercerem a venda de bilhetes postais, lenços e outros *souvenirs* como aneis de aluminio, medalhas de cobre, etc. E é que ganham imenso dinheiro. Com meia duzia de lenços bordados, onde se vêem mal alinhavadas, as palavras: *Souvenir de France, Saudade*, etc. — e com meia duzia de colecções de bilhetes postais ilustrados, qualquer mulherzinha do norte da França tem o seu mo-

do de vida, pelo menos enquanto durar a guerra...

É o mais interessante é que já sabem dizer, quando nós lhe perguntamos o preço: *catro vinténes, dos tustónes*, etc. E no fim, agradecem sempre, dizendo: *muito obrigado!*

Ora o que todo o soldado compra mal chega a qualquer aldeola, são bilhetes postais ilustrados. E ha-os de todos os preços e de todas as qualidades. Os mais procurados, em geral, são os que tratam de assuntos amorosos, em que o galan é um militar. E o soldado então, escreve o seu nome ao lado da figura que representa o militar: e, ao lado da outra personagem, põe o nome da pessoa querida para quem dirige o bilhete postal.

Outros postais — de todos os mais artisticos e interessantes — também muito procurados, são os das colecções italianas. Entre esses, todos eles revistos pelo *Ufficio Revisione Stampa di Milano*, segundo a propria nota escrita no verso, ha assuntos lindissimos, assinados pelos principais artistas da patria de Annunzio.

Mas ninguem calcula o gosto que, nos ultimos tempos, se desenvolveu pelas colecções dos bilhetes postais ilustrados!

Só visto!

E' maior o movimento de bilhetes postais do que toda a mobilisação europeia. E é maior porque cada soldado compra duzias e duzias de colecções.

A gente, ao chegar a qualquer povoação encontra logo soldados e oficiais, metidos nesses pequenos estabelecimentos, a escolherem postais. Quasi que não se gasta o dinheiro noutra coisa. E' tal a mania que ha officiais que compram aos trinta e quarenta francos de bilhetes postaes — só duma vez.

Mas não admira! a melhor consolação que nós temos, ao vermo-nos tão longe da patria querida, é comprar os postais mais lindos afim de servirem de portadores das nossas saudades...

## XXII

### As tuas cartas . . .

E' extraordinario ! As tuas cartas belas,  
cheias de amor, de graça e de ternura,  
trazem consigo a dôr que me tortura . .  
Quantas vezes eu choro, a sós, com elas ! . . .

E no entanto elas teem a frescura  
das rosas e a pureza das estrelas.  
Porem, se a dôr me invade ao recebê-las  
— se as não recêbo invade-me a amargura . . .

E' extraordinario ! Quer venham ou não,  
um desejo me invade o coração . . .  
Sabes qual é o desejo que me invade ?

E' ir p'ra ahi — ó anjo do meu lar !  
Como não posso, ponho-me a chorar . . .  
Mas não de medo ! Choro de saudade.

## XXIII

### 10 graus abaixo de zero

Hoje pela manhã assisti a um dos espectáculos mais interessantes da minha vida. Vi tudo branco á minha volta. Casas, estradas, campos — tudo era da mesma côr. Os ribeiros da véspera estavam solidificados.

As nossas tropas passavam por sobre eles, com a mesma semceremonia como passam sobre as estradas.

Parece que alguém, durante a noite, andou a cair a cidade. E ficou por branquear. A nossa vista, ao encontrar a mesma côr, por toda a parte, tem uma sensação nova e agradável. Porque não se vê outra côr. Está tudo — absolutamente, tudo! — coberto de neve.



O peor, porém, é a sensação desagradável que as nossas carnes sentem, ao vêrem-se em contacto com esta temperatura siberiana.

A gente géla.

O vento corta como navalhas de barba. E para não arrefecermos, ou corrêmos dum lado para o outro, ou chegâmo-nos aos fogões que existem em todas as casas francezas.

E' coisa interessante!

O fogão é apanagio — e luxo! — dos francezes, como o piano o é para portugêses. Em todas as casas desta gente lá se vê o caracteristico fogão, muito humilde, e muito enfeitado. De maneira que conseguem ter dentro de casa uma temperatura razoavel, melhor muitas vezes do que aquella que há em algumas casas portugêsas.

... O peor é que eu, hoje, tive de escrever este *postal* a lapis, porque a tinta não dá acordo de si. E ponho ponto, a fim de meter as mãos nas luvas, e não correr risco de ficar sem aquelas...

## XXIV

### O teatro no "front"

Pede-me V. a minha opinião ácerca de se estabelecer, perto do campo da batalha, um teatro ambulante, a exemplo dos outros paizes.

Ahi vae!...

A minha opinião, que é a mesma de todos aqueles que por aqui andam em ennhados no levantamento do nome portuguez, é de que nós já devíamos ter ha muito um nucleo de artistas que fizessem viver entre nós, as obras primas da dramaturgia historica. D'ahi surgiriam dois bens! O soldado portuguez andaria mais satisfeito, porque passava alegremente os pouco dias de descanso que tem á retaguarda -- e sentir-se-hia mais forte, exor-

tado pelos exemplos epicos da historia patria, que existem dramatisados em algumas das nossas obras primas.

E' isso o que fazem todas as nações aliadas. A cada passo deparamos com treatros inglezes, onde os principaes artistas da poderosa Albion veem trazer aos soldados o entretenimento moral e instrutivo.

Mas nós nada temos. Do pobre soldado portuguez ninguem se lembra. Para aqui anda entretido a ver as vitrines, ou a cantarolar o fado triste. Os nossos artistas portuguezes — para não falar de outras entidades — não se lembram daqueles que partiram, um dia, para levantar o nome da Patria Portugueza.

Ninguem se importa!

E assim o soldado passa aborrecido, o pouco tempo da rectaguarda a que tem direito, após as longas e duras vigílias do *front*. Não tem onde passar o tempo. Só o tédio os acompanha, para os envelhecer; só a saudade os domina, para lhes retalhar a alma.

Na Italia, ainda o outro dia se reuniram, num teatro improvisado, os principaes artistas da patria de Anunzio. Ahi se juntaram Eleonora Duse, Christina, Zacconi, Vitaliani e outras sumidades. Todas essas aguias da arte ali foram para

exalçar as tropas da sua terra, recitando-lhes e exhibindo-lhes o que ha de mais epico na literatura italiana.

E o mesmo succede nas diversas frentes de batalha. Os proprios alemães teem varios entretenimentos á rectaguarda, predominando sempre os concertos musicaes.

Mas em Portugal nada se faz.

O soldado portuguez ha-de envelhecer, ha-de acabar lentamente. Não ha ninguem que venha até junto dele. Ninguem pensa em proporcionar-lhe algumas horas agradaveis. Com que infinita tristeza a gente os vê, pasmados, em frente das diversas casas de espectaculos inglezas.

E' triste !

Ora os nossos artistas dramaticos, ou devem ser mobilizados quanto antes, como quaesquer cidadãos — ou devem ser enviados até aqui, afim de educar, entreter e exalçar a nossa gente. Que fazem eles ahi ? Para que serve o teatro na nossa terra, se a *elite*, ou mais propriamente a mocidade portugueza se esforça, bem longe, por levantar o nome de Portugal ?

A hora é de sacrificios. Mas para todos !... Todos — sem excepção — e segundo os seus esforços, devem trabalhar em pról desta causa santa que traz empenhadas as civilisações modernas.

Vamos, pois !

Que os jornaes de teatro, pois deles é que deve partir o grito, pugnem por esta causa justa, que trará consigo o resurgimento do soldado portuguez. E' preciso, repito, que os nossos artistas dramaticos venham até aqui, afim de se exhibirem em algumas peças historicas, ou recitarem alguns trechos da nossa literatura epica. Dessa fórma a nossa raça não apodrecerá de tedio, nem envelhecerá com a saudade.

Vamos !

E' preciso lembrarem-se de que aqui, tão longe desse jardim á beira-mar plantado, existe uma patria portugueza. Pelo menos, hoje, é a unica que todos conhecem, porque é aquella que se bate afim de fazer vingar o seu direito de existir.

\*

\*      \*

E ahi está, meu amigo, o que se me oferece dizer-lhe.

---

## O Christo da aldeia

«A alguns metros das trincheiras que guarnecem o sector portuguez, ha um crucifixo que a metralha alemã ainda não damnificou. Altiva, contemplando o céu, e abrindo os braços, num desejo talvez de abraçar a humanidade — a imagem de Jesus Christo, que algum esculptor do seculo passado concebeu, persiste intacta, desafiando a ferocidade alemã.

Mas o que mais nos humilha, mesmo aqueles que se embrenham numa literatura septica, é ver o estado de conservação em que se encontra esse symbolo religioso, quando tudo, á sua volta, está completamente destruido.

Será o mero acaso?... Talvez!

No emtanto, depois de se contemplar esse campo deserto, onde nem uma só arvore existe de pé — a gente sente-se bem, ao bater com os olhos naquela imagem. Ela é como um pharol que nos alumia. E' um raio de sol, no meio de tanto luto. Porque ali já nada existe. Casas, muros, estradas, arvoredio — tudo foi revolvido!

Milhares de granadas, de morteiros e de muita outra variedade de objectos mortiferos que a furia alemã inventou, ali teem cahido de noite e dia. Nada já existe de pé. Tudo aquilo é um verdadeiro deserto.

Apenas a imagem de Christo se levanta, como que a encorajar-nos.

E' extraordinario!

E só quem assiste a este infernal chover de metralha, que tudo pulverisa e desfaz, é que se póde admirar de ver ainda intacta, abrindo os braços ao mundo inteiro, a resignada imagem de Christo. As proprias arvores, que a encobrem, estão desfeitas. A terra mesmo, onde se encontra cravada a cruz, está toda revolvida. E, no emtanto, até hoje, ainda nenhuma bala beliscou essa imagem de bondade e de sacrificio.

E' extraordinario!

Sinto-me humilhado deante desse capricho do destino que poupou o crucifixo

da aldeia X, situada a poucos metros das trincheiras e fazendo parte do nosso sector — a gente, deante deste mysterio, sente vontade de ajoelhar. Porque, depois de tanta metralha que ahi tem cahido, não era para admirar que o crucifixo tivesse a mesma sorte que todas as outras coisas.

Mas não! Tudo desfez. Só ele existe ainda.

Quem sabe se se repete, agora, a velha lenda de Ourique...

Talvez!...

Seja como fôr, nós ficamos abysmados. E não é para menos. Ver no meio de uma vila toda revolvida pela metralha, onde só ha destroços e sepulchros — a imagem bela e imponente de Jesus Christo, que só por milagre poderia ter escapado á furia germanica, da gente se sentir pequeno. Pelo menos olha para esse espectáculo com toda a devoção e respeito.

Foi o que eu fiz!"

---



## A mulher portugueza na guerra

«Vi hoje, pela primeira vez, as damas da Cruz Vermelha, que vão fazer serviço no hospital que se anda a construir... Toda a gente pára a observal as. De capote de mescla, com o galão de alferes ; e de bengalinha, á ingleza ; ou de cigarro na bôcca, elas causam a admiração de todos. E eu mesmo, habituado já a ver tantas coisas originaes, parei tambem para as observar. E senão fosse alguém do lado dizer-me que eram as nossas enfermeiras portuguezas, eu estava hoje ainda sem o saber.

E' de louvar a iniciativa da nossa terra, apesar de tardia. Era já para extranhar não termos ainda enfermeiras portugue-

zas que tratassem daqueles que andam empenhados em levantarem bem alto o nome da nossa Patria.

As nossa damas da Cruz Vermelha, appareceram em scena vestidas regionalmente, e formando um grupo interessante. Depois, cantaram o fado, dançaram o «Vira», fizeram algumas *rodinhas*, e *finiche*... A essa festa, déram o seu concurso os medicos portuguezes desse hospital como o dr. Cancellia de Abreu, Souza Refoios, Castro Freire, etc.

E vamos indo. Ao menos, enquanto o hospital não aparece, vão curando o espirito do soldado, porque segundo a phrase de Mirabeau: «Nem só de pão vive o homem...»

E ainda que nem sempre possam haver festas — mesmo ha mais que fazer — o nosso soldadinho mostra-se satisfeito quando as vê passar, e diz sorrindo:

—Olha as nossas officialas!... Pelo visto já não ha homens para nos comandar...

Mas é preciso que todos o saibam!

As senhoras portuguezas, tiveram um rasgo de patriotismo e de abnegação, oferecendo-se, como as mulheres de todos os paizes aliados, para tratar dos feridos, com o carinho de uma mãe e com a candura de uma santa.

## XXVII

### Na primeira linha

„E' de noite. Os *very-lights*, especie de foguetões que sobem ao céu para illuminar a terra de *ninguem*, e vigiar assim quaesquer manobras de uns e de outros, estalam de instante a instante. Ora são lançados por nós, ora são os alemães que os atiram. Todos estão áleria — e ai daqueles que não estejam !

Eu sigo pela passadeira estreita e encoberto pelo parapeito. De vez em quando abaixo-me por causa das rajadas da metralhadora ou de alguma *schneiper* que ande perdida... Mas, invariavelmente, ouve-se o troar da artilharia. A' direita rebenta um morteiro pesado, á esquerda estala uma granada de espingarda e por

cima de nós roncam as granadas de sete e meio. A gente por fim habitua-se a todo esse estrondo—e nem pensa na morte!

De espaço a espaço encontramos um grupo de soldados. Um deles, com a cabeça fóra do parapeito, vigia attentamente, aproveitando a luz dos foguetões. Os outros, estão calados — mas áleria. E' que o inimigo, que escuta e vigia tambem, póde desconfiar que existe ali um posto de vigilancia. E se o sabe, atira para o sitio algumas duzias de morteiros. . .

Outras vezes, fazendo a minha ronda, cahindo aqui e acolá, todo cheio de lama até aos joelhos, sou abordado por um soldado.

— O que ha, pergunto.

— São os alemães que têm estado a fazer signaes luminosos. E até parece que já ouvi passos ! . . .

E lá vou eu para junto deles, a fim de verificar. A's vezes não é nada.

Mas o nosso soldado é valoroso. A gente passa por ali perto, a meia duzia de metros dos alemães, com a plena certeza de que temos do nosso lado uma barreira forte feita de soldados portuguezes. Ha de ser difficil penetrar ali. Eles bater-se-hão como leões. Não haja duvida !

No emtanto a noite custa a passar. Vi-

ve-se n'uma anciedade indescrível. De vez em quando, a altas horas, na mesma ocasião em que muita gente por ahí se delicia assistindo á representação de uma peça no teatro, ou dormindo regaladamente na sua cama — a essas horas, vemos um soldado dizer, só porque ouviu o vento zunir mais forte, ou porque uma lebre que fugia fez estalar os ramos de uma arvore :

— Desconfia-se que, para aqueles lados, anda uma patrulha alemã.

E a gente lá vai vêr !. . .

Custa tanto a passar a noite. Como seria bom, digo eu ás vezes, que amanhecesse.

No emtanto, todos cumprem o seu dever. E ninguem deixa de estar vigilante—póde-se lá dormir na primeira linha ! para fazer face a qualquer ataque, e levantar assim o nome da nossa terra, ao lado das outras nações civilisadas !. . .”

## XXVIII

### O inferno

Laschiate vostra speranza, ó voi qui entrate !

Dante

E' noite ! Um *very-light* sobe ao ar  
de quando em quando, e logo a luz se espalha  
no campo de manobras... A metralha  
cae a jorros na fúria de matar.

A pouco e pouco tudo se escangalha,  
e mesmo a gente sente-se acabar.  
Respira-se a morte, ouve-se chorar...  
— Decerto é já o inferno esta fornalha !

Um soldado ferido chora além...  
Diz-me que vae morrer, e tem saudade,  
de não dizer adeus á pobre mãe !...

Animo-o, E' meu dever !... Mas com vontade,  
— p'ra que nega-lo? — de chorar tambem  
diante duma tão cruel verdade.

## NOTA DO EDITOR

O presente livro não foi revisto pelo auctor, que se encontra em campanha, no norte da França; e as crónicas inseridas, como tinham de passar pelo correio, visam apenas assuntos ligeiros, inofensivos ao lapiz azul... Em tempo oportuno, aparecerá um volume no mesmo genero, contendo crónicas mais *ao vivo*, e com assuntos de veras palpitantes.

Esse interessante livro intitular-se-ha:

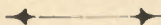
**PAGINAS DE FOGO**

LIVROS NOVOS:

200 RS. CADA VOLUME

XICO BRAZ

## *Postaes da Guerra*



Impressões d'um soldado em campanha

Manuel Lopes

## Como devemos respirar Sciencia, verdade e luz

Livro scientifico de grande interesse descrevendo as melhores regras de gymnastica respiratoria e operativa.

Arthur de Mattos

## DE LONGE . . .

Quadras feitas no campo da batalha, interessante livro impresso em bom papel.

## *6 Livro da Bruxa*

Magnifico livro contendo a cartomancia, chiro-mancia, buena-dicha, explicação de sonhos, etc.